

**Ecoss de uma tradição: a ideia de decadência na obra  
*Epitoma Rei Militaris*, de *Flavius Vegetius Renatus***

MARCELLO PANIZ GIACOMONI\*

9 de agosto de 378 e 24 de agosto de 410, duas datas que certamente os romanos contemporâneos às mesmas amargaram. Na primeira, a batalha de Adrianópolis, 2/3 do exército romano oriental é destruído por um ataque visigodo (onde o próprio Imperador Valente perde a vida); na segunda, a própria cidade de Roma, conquistadora de todo o mundo, é atacada e saqueada pelos bárbaros. Como portar-se frente a tais devastadores acontecimentos? Viverá Roma a consumação da lamentação de Cipião Emiliano, ao ver Cartago arder sob chamas, findada a terceira e última guerra púnica?: “Este é um belo momento, Políbios, mas tenho o pressentimento funesto de que em algum dia a mesma sentença será pronunciada contra a minha pátria.” (Hist. 37, 21).

Lamentar ou agir, eis as opções. Um destes contemporâneos, seguramente tocado pela força de tais acontecimentos, teceu julgamentos sobre seu tempo, e para além de julgar, procurou agir. Com sua pena, retratou em pergaminho o que ponderava ser o grande e invencível exército dos antigos, com suas instituições, procedimentos e funcionamento. Este homem chamava-se *Flavius Vegetius Renatus*. Em seus quatro livros, endereçados diretamente ao Imperador romano (que julgo ser Valentiniano III, que reinou entre 425 e 455), Vegetius sintetiza informações que foram colhidas nos mais variados autores da tradição romana, em especial, em historiadores. Estas informações, cujo potencial de *magistra*, de ensinamentos válidos, é sempre presente, deviam servir como base para uma grande reforma do exército, que devolveria às legiões toda sua capacidade de combate perdida.

Mas há algo nestes escritos que vai além de simples informações ou preceitos. Não algo escondido, encoberto, mas sim presente, vivo e atuante através de uma prática discursiva. São os juízos do momento vivido, que remetem a uma ideia recorrente em

---

\* Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em História Antiga por essa mesma instituição.

diversos autores da tradição greco-romana: a decadência. Meu trabalho se insere neste ponto, onde abundam as questões, inspiradas na noção foucaultiana de formação discursiva: O que é essa decadência, em sua ligação com a tradição romana? Como ela é enunciada? Em meio a que temas, conceitos ou estratégias discursivas estes enunciados ganham sentido? Qual a formatação dos objetos decadentes formados?

Antes de explorar a análise de alguns dos enunciados da ideia de decadência, alguns apontamentos sobre os contextos de *Vegetius* são adequados. Primeiramente, é preciso compreender as intenções do autor como um contexto de produção. Ao analisá-las, parto das referências ligadas aos objetivos da obra: *Vegetius* diz que, a partir de um trabalho diligente e fiel, compilou as informações sobre a prática militar existentes em diversos autores da tradição romana (*Epit.* I, prólogo), visando a utilidade dessas ao Estado, em sua guerra contra as nações bárbaras (*Epit.* IV, 31). Percebendo o exército de seu tempo como em decadência, as propostas de *Vegetius* mobilizam a História, na lógica de uma *magistra vitae*, visando agir sobre o presente decadente. Ao analisar o contexto social, a batalha de Adrianópolis surge como marco referencial: em 378, um grande exército romano é dizimado (falecendo inclusive o Imperador do Oriente, Valente) por um exército de godos. O processo subsequente a essa derrota levou ao aparecimento da figura dos *foederati*, tropas bárbaras que lutavam a serviço de Roma, mas mantinham sua autonomia, com líderes e organização própria. *Vegetius* vê nestas tropas (mesmo sem enunciar explicitamente) uma das principais causas para o declínio do exército romano, seja pela fidelidade inconstante desses (que conduziu, em especial, ao saque de Roma em 410), seja pelo processo de barbarização desencadeado pela convivência, que teria minado a combatividade das tropas regulares romanas.

Em termos culturais, a relação entre cristãos e pagãos ganha importância nos finais do século IV e início do V. Por um lado, o paulatino crescimento dos cristãos, mesmo dentro das classes altas da sociedade (em especial a senatorial) levava os pagãos a evitar o confronto, e direcionar seus esforços à preservação do conhecimento e dos valores da tradição pagã. A reorganização da historiografia de viés pagã, além da grande circulação de epítomes e breviários, pauta-se nesse esforço por preservar a cultura antiga. O próprio *Vegetius* encontra-se nessa linha: mesmo sendo um cristão, sua obra tem uma natureza tradicional e pragmática, sendo que em nenhum momento as causas, sintomas e propostas ligam-se diretamente às questões religiosas. Nessa mesma linha, é

preciso também percorrer o *corpus* textual que *Vegetius* mobiliza, entendendo-o não apenas como um conjunto de fontes, mas também como peças de um diálogo, que mobiliza perguntas e respostas esperadas. A partir das palavras de *Vegetius*, de que ele “não [se] arroga [de] nenhuma autoridade, apenas organiza sob a forma de resumos as matérias daqueles que acima referiu e que se encontram dispersas” (*Epit.* I, 8), é possível inseri-lo em uma “longa tradição” de escritos históricos, dotados esses sim de autoridade. E ele menciona os principais autores mobilizados, ligados diretamente às questões militares: Catão, o Censor (234-149 a.C.); Cornélio Celso (período de publicação de sua obras: 14-37 d.C.), Frontino (40-103 d.C.), Paterno (prefeito pretoriano em 180-182 d.C.). Salústio (86-35 a.C.), Virgílio (70-19 a.C.) e Varrão (116-27 a.C.), além de inúmeras referências aos “antigos” (*veteres aute; veteres; antiqui*). Sob esta base legítima, *Vegetius* estabelece sua obra na lógica de uma História *magistra vitae*, que busca ensinamentos no passado para agir no presente, enredando história pragmática e política como dois campos em permanente diálogo.

No último dos contextos apontados, a estrutura, é possível compreender como os diferentes modos de discurso, regras ou convenções funcionam dentro da *Epitoma*. A retórica antiga é utilizada por *Vegetius* de três maneiras distintas: o estilo laudatório, principalmente nos prefácios dedicados diretamente ao Imperador; o pragmatismo e a concisão, visando um estilo simples e direto; e as arengas militares, uma tradição de discursos militares pronunciados por generais a seus comandados. *Vegetius* pode ser também inserido em uma sequência de escritores polemógrafos, que se dedicaram à sistematização da arte da guerra em livros, possuindo esse gênero características singulares. Por fim, é preciso apontar a ampla circulação de epítomes e brevíários durante o final do século IV e início do V, escritos de matriz pagã que se dedicavam a sistematizar o conhecimento antigo em leituras rápidas e baratas, além de permitir a intervenção dos autores sobre o material resumido.

Para sistematizar o diálogo entre tais contextos e o trabalho de autoria de *Vegetius*, para além das premissas de Michel Foucault, lanço mão da conceitualização desenvolvida por Dominick LaCapra. Afim de tornar as principais conclusões de minha pesquisa apresentáveis neste texto, opto por conduzir a análise a partir de uma citação emblemática da obra de *Vegetius*, representativa dos principais aparecimentos da ideia de decadência na obra em questão:

(...) o costume antigo foi completamente apagado (*antiqua consuetudo deleta est*); pois ainda que, a exemplo dos Godos, dos Alanos e dos Hunos, as armas dos cavaleiros tenham melhorado, sabemos contudo que os peões ficaram desguarnecidos. Na verdade, desde a fundação de Roma até a época do divino Graciano, o exército de infantaria era protegido não só por catafractas, mas também por capacetes. Mas porque, instaladas a incúria e a preguiça, o exercício no campo acabou [(*Sed cum campestris exercitatio interveniente neglegentia desidiae cessaret*)], aquelas armas que os soldados raramente utilizavam começaram a parecer um fardo; e assim, pedem ao imperador para devolverem em primeiro lugar as catafractas e, depois, os capacetes. Deste modo, desguarnecidos os peitos e as cabeças, os nossos soldados, enviados contra os Godos, foram muitas vezes aniquilados pelo grande número de arqueiros, e mesmo depois de tantas derrotas, que resultaram na destruição de tantas cidades, não foi sequer motivo de preocupação para ninguém devolver as catafractas e os capacetes aos soldados de infantaria. Isso faz com que aqueles que, desguarnecidos, estão expostos às feridas na linha de combate, pensem mais em fugir do que lutar. A loriga e o capacete parecem talvez pesados a um peão que se exercite raramente e que também raramente se adestre com as armas; mas a prática cotidiana previne a sobrecarga, ainda que se use um equipamento pesado. Porém, aqueles que não conseguem aguentar o esforço de transportar as antigas armas de defesa, desguarnecidos os corpos ficam destinados não só a serem feridos como a serem mortos, ou, o que é mais grave, a serem capturados ou a traírem o Estado através da fuga. [(*aut capi aut certe fuga rem publicam prodere*)]. (*Epit.* I, 20)

Passagem central, já que se apresenta os principais enunciados que formam a ideia de decadência na *Epitoma*: declínio militar, elementos morais e o elemento estrangeiro, ou seja, o *barbaricus*.

Primeiramente, a natureza do objeto: a ideia de decadência de *Vegetius* é eminentemente um declínio militar, da capacidade da milícia romana em recrutar, treinar, disciplinar e, por fim, combater com seus exércitos regulares. Dado que a decadência pressupõe uma mudança valorativa entre dois momentos, existiu em Roma um exército modelar, que a partir de uma série de fatores perdeu suas capacidades, de modo que do passado glorioso restaria apenas o nome “legião”. Tal forma da ideia de

decadência em determinados momentos dialoga com outras formas ou objetos, como a sociedade, a prosperidade, a moralidade e a oposição entre o campo e a cidade.

São apontadas como causas para o abandono da prática do uso das armaduras dois enunciados: a incúria e a preguiça (*neglegentia* e *desidia*). Existe na tradição greco-romana uma vasta série de causas para a decadência ligadas a elementos morais, que afetam a sociedade em seu interior, dentre os quais encontramos os dois acima descritos. Na sistematização dessas causas, ao longo da obra de *Vegetius* como um todo, a *luxuria* (que pode ser compreendida em determinados momentos como um elemento exógeno à sociedade), tem consequências nefastas: fruto de grandes afluxos de riquezas (*pecuniae*) para Roma, ela seria responsável por desenvolver uma forte diferenciação entre os cidadãos, incentivando a ostentação, que por sua vez desencadeia a ambição, a inveja, o demérito (*ambitio, invidia, gratia*), dentre outras consequências. Correlatos aos luxos, toda sorte de *delicias* e *voluptas* acentuariam tal processo, agindo em especial no amolecimento (*effeminare*) dos homens romanos. Tais fatores atuam diretamente na destruição da sociedade, cujos valores tradicionais maiores pautavam-se na frugalidade, austeridade e militarismo. Na medida em que agem sobre tais valores da sociedade, os elementos em questão destroem o exército que a defendia. A partir da recorrência da *negligentia* (que é relacionada com a *pax*), o *otium* e a *desidia* se instalam no exército, minando sua disciplina, treinamentos e capacidades de combate. Em sequência, a negligência atinge tanto o processo de recrutamento dos jovens, passando pelo funcionamento das legiões (com o desuso de certos armamentos, da construção de acampamentos fortificados e do próprio treinamento cotidiano) e contaminando inclusive o sistema moral do exército.

Prosseguindo novamente na citação, percebemos outro elemento da ideia de decadência: os bárbaros godos. O *barbaricus* pode ser entendido como a mais evidente causa externa, aparecendo na obra de *Vegetius* em três estratégias distintas. Na primeira, ele é entendido como o inimigo direto, oposto no campo de batalha, e como tal pode conduzir à derrota direta do exército, com a consequente desagregação ou ruína do Estado. Tal entendimento é que aparece em evidência na citação analisada. Em outra estratégia, mediante um processo de barbarização das instituições romanas, essas perderiam capacidade combativa devido à convivência com tropas bárbaras. Por fim, uma terceira estratégia logra ver nos bárbaros os guardiões de uma moralidade

primitiva, com capacidade de aprendizado e cujos valores poderiam significar a salvação da sociedade e do exército do tempo de *Vegetius*. Ora inimigos, ora influências perniciosas, ora verdadeiros guardiães de bons costumes: são verdadeiras escoras à reflexão de *Vegetius*, que os manipula conforme a conveniência da passagem; podem ser os agentes da decadência, a decadência materializada, ou a salvação à essa decadência. Um mesmo enunciado operando em três estratégias distintas revela a complexidade da prática discursiva da decadência, em especial na *Epitoma*.

Ao fim da citação, consumam tais ações na derrota militar, restando ao Estado apenas amargar sua ruína (*prodere*). Todas as estratégias analisadas podem ser regularizadas dentro da lógica de uma mudança valorativa de estados, entendendo como tal a regra de formação que perpassa todo o discurso de decadência de *Vegetius*: o exército romano, a partir de um modelo ideal (que se trata de uma construção arbitrária de *Vegetius*), sofre a ação de variados fatores, perdendo eficiência e capacidade de combater.

Descrita parte das possibilidades da ideia, resta compreender o porquê do seu aparecimento, donde lanço três conclusões: certos enunciados da decadência são utilizados de forma a tergiversar outras causas; os mesmos enunciados, na medida em que são ligados a uma tradição dotada de autoridade, oferecem um potencial de ensinamento; o aparecimento de certos enunciados podem ocorrer de forma inconsciente.

Ao longo das análises efetuadas, na pesquisa como um todo, uma relação entre as causas externas e as causas internas ficou evidente, e sintetizada na figura dos *foederati*, tropas bárbaras a serviço do imperador e não submetidas à hierarquia e disciplina romana. Em minha leitura, considero serem esses, para *Vegetius*, os principais agentes do declínio do exército romano, principalmente no convívio com as tropas regulares. Mesmo que esses não sejam enunciados diretamente, a comparação entre tropas legionárias e auxiliares deixa claro o quanto a convivência entre tais tropas é perniciososa para as primeiras.

Na citação em questão, após dizer que a exemplo de godos, hunos e alanos, os armamentos da cavalaria foram melhorados, *Vegetius* lamenta o desuso de armaduras e capacetes pela infantaria romana, devido à *neglegentia* (negligência) e à *desidia* (preguiça), o que teria levado a diversas derrotas frente aos godos. Especialistas

consultados (em especial, Michael Charles), aos quais me associo, entendem tal passagem como uma metáfora, que não diz respeito às proteções em si, mas ao que elas representavam: uma *antiqua legio*, formada por infantes couraçados, e que por séculos venceu os bárbaros desguarnecidos de armaduras.

Percebo nessa metáfora um duplo caminhar de *Vegetius* sobre a tradição romana. Por um lado, ele não atribui a degenerescência disciplinar aos bárbaros federados, mas sim utiliza enunciados de ordem moral, constantes na tradição decadentista romana, tanto para desviar a real causa do problema, quanto para legitimar suas reivindicações. Essa legitimação ocorre da seguinte forma: ele evita o tema dos *foederati* (ao menos diretamente), possivelmente muito polêmico, e em contrapartida aponta os problemas como condicionados a questões recorrentes na tradição romana, e também as soluções tradicionais, com a volta às antigas instituições e valores. Ou seja, nessas passagens entendo a decadência como um topos historiográfico, um tema recorrente, utilizado como uma chave interpretativa. Obviamente, a chave é mutável, já que cada autor efetua um recorte a partir do qual orienta suas reflexões.

Creio ser esse o maior exemplo da margem de autoria de *Vegetius*. Os contextos dos séculos IV e, especialmente, do V, impõe desafios, questões que necessitam de respostas: como reorganizar a capacidade de combater? Mas também impõe limitações: como efetuar tal reorganização levando em conta a inconveniente existência dos *foederati*? *Vegetius*, nesse momento, se apropria (no sentido criativo da palavra) da tradição decadentista para efetuar a leitura do processo. Este é o espaço do autor, do entrecruzamento dos contextos, da originalidade, o momento em que os autores por ele consultados não aparecem apenas como fontes, mas como peças de um complexo diálogo, que envolve tanto os textos, quanto as perguntas e as respostas esperadas. Um jogo que, por sua vez, não se destaca dos contextos apresentados: o contexto social coloca à frente a existência de *foederati*; culturalmente, existe um movimento de preservação do conhecimento antigo, pragmático e pagão; a estrutura lhe oferece padrões e formas de ação; suas intenções movem a construção do tratado; e no *corpus* manipulado, na tradição, em sua lógica de autoridade e de ligação com o passado, é que ele encontra as respostas, sejam como justificativas, sejam como verdades válidas. Somente em meio a essa teia, como nos aponta LaCapra, compreendemos sua obra, em sua dimensão de repetibilidade e novidade, simultaneamente.

Ademais, uma segunda conclusão surge: dado que entendo *Vegetius* como um indivíduo que luta contra a decadência, e clama para vencer tal luta um retorno a certas práticas e instituições do passado romano, o que exatamente representa tal retorno? Lamenta-se o fim da *antiqua legio* (formada por cidadãos-soldados) porque estes constituíam um exército considerado exemplar (e assim lamenta-se a perda capacidade de combate), ou lamenta-se esse fim por si mesmo, ou seja, lamenta-se a modificação na sociedade romana, que não mais provê o exército? A meu ver, mesmo que determinadas lamentações se aproximem do objeto “sociedade”, em nenhum momento existe o desejo de retorno a uma formatação social antiga. Mas, se *Vegetius* não deseja tal retorno, por que clamar por um Quício Cincinato, personagem do início da República, citado em sua obra como modelo de cidadão, que comunga os valores de agricultor e de guerreiro?

A meu ver, Cincinato não deve representar o novo cidadão, mas sim o novo soldado romano. Devem-se imputar os valores de uma sociedade guerreira no próprio exército, fazendo com que ele se torne a Roma de outrora. Em uma concepção tradicionalista da sociedade, corrente nos séculos IV e V, e que analisa a sociedade na lógica da corrupção, o soldado ocupa o lugar deixado vago pelo cidadão, devido à sua corrupção moral. Como não seja possível reformar a sociedade, ao menos a utopia se manteria no exército. Ao privilegiar os homens do campo, evitando os da cidade, opta-se por recrutas pouco afeitos ao luxo e aos prazeres; ao restringir todo e qualquer direito à *voluptas*, priva-se o soldado de qualquer excesso que o desvie de seu dever. Em resumo, *Vegetius* busca não a sociedade dos antigos, mas apenas alguns dos seus valores, visando reviver elementos de tal sociedade dentro do exército.

Um topos literário, utilizado para desviar seus principais diagnósticos da sua percepção de decadência e um uso consciente da força da tradição, como forma de ensinamento, a partir de enunciados e estratégias decadentistas. Dois usos atestados. Mas ainda existe uma forma de compreender o discurso decadentista em *Vegetius*: não será esse parte de uma “consciência coletiva do mundo Greco-romano (...) impregnada de uma ideia difusa de degenerescência do mundo e, em especial, das sociedades em que vivem”, de que nos fala Le Goff. Até que ponto tais categorias de pensamento operam como um senso comum, onde clamar pelo retorno ao passado se dá de forma espontânea? Como aponta LaCapra, as intenções autorais não condensam todos os significados e aparecimentos possíveis em uma obra. Se os usos da ideia de decadência,

nos dois momentos apontados anteriormente, se deram de forma consciente, será que tal consciência pode ser ampliada para todas as manifestações da ideia, dentro da obra? A meu ver, creio que não. O trânsito estabelecido por esta dissertação, por entre autores com até 700 anos de distância entre si, revelou similaridades de pensamento muito marcantes. Em uma sociedade cuja barbarização é crescente, onde os valores da tradição pagã correm o risco de perderem-se, e o próprio Estado sofre duros golpes, *Vegetius* compõe a obra a partir dessa base tradicional, e ao fazê-lo se apropria não apenas de dados e conhecimentos técnicos, como também um sistema de pensar e refletir a realidade, de discursos, interpretações e modelos de pensamento impregnados com a ideia de degenerescência do mundo, ou de certos aspectos dele. Em suma, *Vegetius* ora opera com o discurso de decadência, ora é enredado na teia discursiva, sempre dentro das possibilidades discursivas da história.

Bibliografia fundamental:

BARBEIRO, Alessandro. **9 de agosto de 378: o dia dos bárbaros**. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

BARNES, T. D.. **The Date of Vegetius**. In: Phoenix, vol. 33, n°. 3. pp. 254-257. Regina: Classical Association of Canada: 1979.

BURNS, Thomas S.. **Rome and the Barbarians, 100 B.C. – A.D. 400**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2003.

CARRIÉ, Jean-Michel. O soldado. In: GIARDINA, Andrea (org.). **O Homem Romano**. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

CHARLES, Michael B.. **Vegetius in Context: Establishing the Date of the *Epitoma Rei Militaris***. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2007.

FERRILL, Arther. **A Queda do Império Romano – A explicação Militar**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

\_\_\_\_\_. **As Palavras e as Coisas – uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

GOFFART, Walter. **Barbarians and Romans A.D. 418-584**. Oxford: Princeton University Press, 1980.

\_\_\_\_\_. **The Date and Purpose of Vegetius De Re Militari**. In: Traditio, n° 33, pp. 65-100. New York: Fordham University Press, 1977.

JONES, A. H. M.. **The Later Roman Empire 284-602**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1964.

LACAPRA, Dominick. Historia intelectual – Repensar la historia intelectual y leer textos. In: PALTÍ, Elías José. **Giro Lingüístico e história intelectual**. Buenos Aires: Quilmes, 1998.

LE GOFF, Jacques. Decadência. In: ROMANO, R. (org.). **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa nacional - Casa da Moeda, 1984. pp. 393-424.

MAZZARINO, Santo. **O fim do mundo antigo**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MONTEIRO, João Gouveia. **Vegécio e os sons da reforma militar romana: por um futuro cheio de passado!** In: Revista História das Ideias, vol. 29. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2008.

VEGÉCIO. **Compêndio da Arte Militar**. (*Epit.*) Tradução de João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga. Estudo introdutório, comentários e notas de MONTEIRO, João Gouveia. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

ZOIDO, Juan Carlos Iglesias (org.). **Retorica y Historiografia** : El discurso militar en la historiografia desde la Antigüedad hasta el Renacimiento. Madrid: Ediciones Clásicas; Cáceres / Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones, 2008.